



Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.
Amor é a lei, amor sob vontade.
A palavra da lei é
Θελημα

Anno Vviii

☉ in 27° ♈, ☾ in 18° ♎

Dies Iovis

16 de Abril de 2025 e.v.

Colegiado dos Eremitas no Monte Abiegnus:

Epistola de Officio Magistri Templi et Ira Dei

Carta sobre a Travessia do Abismo, o Ofício de Binah e a Necessidade da Aniquilação.

Care Frater,

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Tua indagação sobre a experiência de Binah, a travessia do Abismo e a realização do grau de Magister Templi exige resposta não mística, mas ritual: pois o que aqui se escreve não é doutrina filosófica, mas espólio de guerra. Não há iniciação mais profunda na A·A·: do que a que te lança da Cidade da Luz ao Vazio insondável — e se fores íntegro, o que retornará de lá não será mais tu. O Mestre do Templo não é aquele que sabe, mas o que morreu de saber.

O Adepto Exempto é chamado a abandonar todas as construções do Ruach: mente, razão, forma, linguagem. Ele deve lançar-se no Abismo — esse intervalo ontológico entre o mundo da razão e o mundo da Vontade sem nome. Como ensina *Liber Cheth, Verso 8: Tu beberás a taça do vinho do rubi do sangue das estrelas*. E como se lê no 8º *aethyr* de *Liber 418 (ZID): E o coração é partido em dois, e um é como o rubi, e o outro é como o vinho. E o Deus toma um e bebe do outro. E este é o Sacramento do V.*

O Mestre é aquele que aceitou ser essa Taça. Seu sangue não é símbolo: é de fato vertido, gota por gota, até que o Ruach se dissolva como neve no fogo do Silêncio. Na linguagem dos *aethyrs*, esse processo é descrito como *a fúria do Senhor sobre o Adepto*. Mas trata-se de uma fúria que não é moral — é cósmica. É a fúria de Binah, a Grande Mãe, que só aceita em seu ventre aquilo que se

entrega por inteiro. É por isso que se diz em *O Livro das Mentiras*, Cap. 30 (*O Sono*): *A Sabedoria diz: desperta! A Fé diz: dorme. A Verdade diz: morre!* O Mestre do Templo é aquele que morreu e, portanto, tornou-se receptáculo puro da Verdade. Seu nome é *Nemo* — Ninguém — pois todo nome foi destruído na travessia. Sua missão é levar o vinho da Palavra ao deserto da existência.

Segundo *Liber CCVII*, o *Liber Cheth* é a descrição perfeita do trabalho do Adepto Exempto. Nele lemos, *Verso 12*: *Tu não possuirás bem algum, nem prazer, nem dor, nem vontade, nem desejo, nem luz, nem escuridão, nem sabedoria, nem ignorância. E quando tiveres abandonado tudo por amor a Ela, então virás a ser Ela.* O Mestre do Templo é Binah encarnada — não como arquétipo, mas como função operativa. Ele sustenta o Cálice para os que sobem e para os que caem.

Três são as tarefas do Mestre do Templo, conforme a estrutura iniciática revelada:

1. Renunciar à bem-aventurança do Infinito, regressando ao mundo das formas para iniciar e sustentar.
2. Governar sua nova criação a partir da Unidade, pois ele é a semente do *Logos* na esfera da dualidade.
3. Amar a tudo sem distinção, como reflexo do Amor Impessoal do *Ain Soph*.

No 15º *aethyr* (OXO) de *Liber 418*, a Mulher Escarlate — manifestação de Binah — está sentada sobre a Besta e ergue a Taça. Ali se lê: *Ela é a Taça do Êxtase de todas as Coisas. Ela está embriagada com o vinho da vida. Ela se alegra com o sofrimento. Ela diz: bebei todos desta taça, pois este é o sangue de Adonai.*

A travessia do Abismo é, portanto, o rito do sangue. O sacrifício não é simbólico, é a demolição daquilo que parecia central. O Adepto deve atravessar sem rosto, sem nome, sem esperança. Como diz *Liber VII* (I:17): *Então eu saltei no abismo, e caí, e caí, e caí, até que eu vi o Belo, e Ele me acolheu no seu seio.*

O silêncio que reina na Cidade das Pirâmides não é ausência de som, mas de Ego. Os Mestres ali residem como luzes imateriais, atentos à semente de cada estrela. Eles são as mãos ocultas que, na escuridão, acendem tochas nos corações dos Probacionistas. Eles não falam. Eles são ouvidos por quem sangra.

A Ira de Deus é a força inexorável com que o Cosmos corrige toda dissonância. Quando um Adepto recua, ela se manifesta como destruição. Quando ele avança, ela o purga com firmeza. Pois como ensina *Liber Cheth*, *Verso 17*: *E esta é a Ira de Deus: que estas coisas sejam assim.* O caminho até a Cidade das

Pirâmides é longo, mas inevitável. E cada gota de teu esforço, se sincera, será um degrau nesse templo sem forma.

Esta epístola te é enviada como símbolo ao Mistério do Vinho-Pressionado, da Taça derramada, e do Cálice Rubro no a alma será inteiramente exprimida — e isso não como metáfora, mas como necessidade. A Ira de Deus, que inaugura este ordálio de travessia pelo deserto, não é contradição da Graça, mas seu limiar oculto. Antes que a Criança possa ser concebida na Estrela, o homem deve ser esmagado em silêncio no ventre do Abismo. Assim como a oliveira deve ser esmagada para que o azeite se liberte, assim o candidato à Binah é colocado, como Jesus no Getsêmani, sob o peso da noite escura, sozinho, sem anjos, sem remissão. E como lemos em *Liber VII* (III:56): *Tu me esmagarás no lagar do teu amor. Meu sangue manchará teus pés flamejantes com ladainhas de Amor em Angústia.*

Aqui está a essência do sacramento da Ira: ela não vem de fora, mas do Amor absoluto. O vinho de Babalon exige não uma parte, mas *todo* o sangue do Adepto. A ira surge quando essa entrega é adiada, reduzida, racionalizada — e por isso, ela é um fogo santo. No *Verso 2* de *Liber Cheth* lemos: *Tu espremerás todo o teu sangue na taça dourada da fornicção dela. Misturarás tua vida com a vida universal. Não reterás uma gota.*

Aqueles que hesitam diante da Taça — que dizem *afasta de mim este cálice* — são chamados de Irmãos Negros, pois não oferecem a si mesmos, mas desejam salvação por outro. O iniciado da A:A: não pode recorrer à redenção vicária: ele é o cordeiro e o altar. A passagem pelo Abismo é, portanto, um processo que aniquila os centros identificatórios do Ruach. *Magick Without Tears* (Cap. XII) afirma: *Na travessia completa do Abismo, os aspirantes são fundamentalmente mudados em todo o seu ser, de forma permanente.*

O que é destruído não é a função da consciência — pois sem ela o Mestre do Templo estaria morto — mas o falso arcabouço linear e defensivo do Ego. A *casa de marfim* da mente racional é demolida. E como ensina *Liber 418*, 7º *aethyr*: *Assim é visto de baixo por aqueles que não compreendem. Mas de cima ele se regozija, pois a alegria da dissolução é dez mil vezes maior, e a dor do nascimento, quase nada.*

Nesse contexto, o papel do Sagrado Anjo Guardião também se transforma. Aquele que antes guiava sob a sombra de suas asas agora se oculta, assume a forma do Hieres com o Triângulo Branco — e a figura do Hegemon torna-se a Cruz Negra do Julgamento. O próprio Anjo se torna a Ira de Deus. Pois se tua Vontade não for total, ele te quebrará. Como está escrito em *Liber Cheth, Verso 11*: *Pois se tu não fizeres isso por tua vontade, Nós o faremos apesar de tua vontade, para que alcances o Sacramento do Graal na Capela das Abominações.*

Essa é a ira oculta: a transfiguração forçada. E como segue no *Verso 17: E esta é a Ira de Deus: que estas coisas sejam assim.*

Em *O Livro de Thoth*, os Atus XIV (*Arte*) e XVI (*A Torre*) formam um par operativo. Em a *Arte*, a mistura do vinho com o veneno é voluntária; em *A Torre*, a recusa resulta em explosão. O raio que desce é Hadit em sua forma de ajuste: ele destrói para libertar. O Adepto que não se entrega por Amor será despido pela Necessidade.

A tradição nos ensina que o sangue é consagrado a Hoor. Como se lê em *Liber Cheth, Versos 7–10*, o iniciado é chamado a se desfazer de todas as posses, afetos, crenças e identidades — pois a única oferenda digna do Cálice é a *vida inteira*. Essa é a verdadeira *Separatio*, o corte entre o Ruach e a Neschamah. Sem isso, não há Graal.

O *Liber 418, 8º aethyr (ZID)*, apresenta a visão da Mulher Escarlata oferecendo a Taça. O coração do Adepto é dividido: *Um é como o rubi, o outro como o vinho. E o Deus toma um e bebe do outro. E este é o Sacramento do V. O V é o signo do Neófito*, mas também a sua condenação se não for levado até o fim. Pois o triângulo em teu peito é o cálice vazio — e será preenchido pelo sangue de tua renúncia. O versículo mais terrível da Lei está oculto em sua promessa: *Mas amar-me é melhor que toda coisa [...]. Por um beijo tu então quererás dar tudo; mas quem quer que dê uma partícula de pó perderá tudo naquela hora. (Liber AL vel Legis, I:61).*

Mas se tu deres menos que tudo, perderás até o que pensavas possuir. Por isso, Frater, se um dia sentires que tudo te foi arrancado — que tua mente é poeira, teu corpo um peso, tua alma um abismo — dá graças. Pois esta é a Ira de Deus. E ela é o princípio do Amor.

Que tua taça se quebre com dignidade. E que teu sangue, ofertado sem reserva, chame a Senhora da Noite com louvor.

Para selar esta epístola com o selo dos *Livros Sagrados*, trago-te, Frater, duas parábolas: uma de *Liber VII*, que exprime o êxtase e a aniquilação na travessia, e outra de *Liber LXV*, que revela a natureza da Verdade como forma dissolvida e voz sem som. Nelas se encontram as fórmulas ocultas do Grau de Mestre do Templo $8^\circ=3^\square$.

A primeira, extraída de *Liber VII (II:59–60)*: *Ó meu Deus, todo Teu é o éter, e o céu, e o universo; é Teu, e Tu estás como uma flor azul do esplendor, caída da Árvore do Infinito. Caíste sobre o meu ombro no sono; caíste sobre o meu ombro no êxtase; e Teu inefável perfume me transpassou.*

Aqui temos a teofania da dissolução. A *flor azul do esplendor* é a Rosa de Binah — o reflexo de Chokmah no Vazio receptivo da Grande Mãe. O verso revela que a experiência mística do Mestre do Templo não é um *alcançar*, mas um *receber o que cai* — pois a Verdade não se toma, ela se deita sobre ti no sono da razão e no êxtase da rendição. O perfume que transpassa é a penetração súbita da Luz — não como forma, mas como aroma: uma realidade que não se apreende com os sentidos, mas que consome o Ser de dentro para fora.

Do ponto de vista cabalístico, a *flor azul* representa a descida de Chesed — o Amor Compassivo — que se torna perfume e não palavra. Astrologicamente, este verso corresponde à Lua em Netuno: dissolução suave, não como fogo, mas como música. Alquimicamente, este é o estágio de *coagulatio da Rosa* após a *putrefactio* do Eu. Gematricamente, *flor* (*perach* - 288 = פרח) é o número que remete aos *resquícios* (*reshimot*) do Mundo de Tohu — indicando que mesmo após a quebra dos vasos, resta um perfume da Eternidade no pó do Adepto.

A segunda parábola, retirada de *Liber LXV* (II:17-18): *E uma gota d'água caiu sobre o meu coração, do céu invisível. Este é um mistério que eu declarei para os que adoram a imagem do Incriado. Pois existe uma nuvem escura diante do Senhor da Luz, e de vez em quando a nuvem é dissolvida. Então a visão é tão forte que o adorador morre; e esta morte é o segredo do seu ser.*

Aqui está o dogma supremo do $8^{\circ}=3^{\square}$. A gota d'água não é metáfora: é o toque de Kether sobre Binah, através da névoa que separa o *Logos* da Criação. O *coração* que recebe essa gota é o cálice alquímico da alma, já purificado pela dor. A visão que dissolve é a contemplação de Deus sem véus — e esta contemplação, quando não filtrada pelo Ruach, fulmina.

Esse versículo exprime o segredo do *Liber Cheth, Verso 12*: *E quando tiveres abandonado tudo por amor a Ela, então virás a ser Ela.* Pois o que morre na visão é o adorador. O que permanece é aquilo que adorava. A gota d'água é o último resíduo da forma antes da identidade ser transmutada em função.

Astrologicamente, esta é a conjunção de Vênus e Saturno: beleza e limite. No Tarot, representa o caminho de *Tzaddi* — *A Estrela* — sendo eclipsado por Daath. Cabalisticamente, a nuvem é o véu de Paroketh; a gota é o influxo de Yechidah sobre Neschamah. Alquimicamente, é a destilação final da quintessência — a lágrima de Deus recolhida no Graal.

Ambas as parábolas, Frater, selam o ofício do Mestre: ser vaso. Ser nada. Ser vinho, mas não uva. Ser silêncio, mas carregar a Palavra. Pois como está oculto no Atu XVII — *A Estrela* —, a Mulher verte as águas sobre a terra e sobre o mar: porque ela não retém nada, e por isso tudo é consagrado.

Assim também tu, quando fores chamado à Travessia, lembrarás: a gota é a visão, e a flor é a dor — e ambos são a coroa da Estrela.

A parábola de *Liber VII* (II:59-60) chama-se *Flos Cælestis Super Me Descendit*, i.e. *A Flor Celeste Desceu Sobre Mim*, que prefiro traduzir romanticamente como *A Flor Azul do Infinito que Cai sobre o Ombro do Silêncio*. A flor azul representa a emanção superior de Binah — a Rosa Mística que não é colhida, mas que desce suavemente como graça não solicitada. Ela simboliza o estado de *henosis* (esvaziamento) necessário à realização da Neschamah em Binah. O ombro do Adepto aqui representa o ponto de cruzamento entre a Vontade e o Silêncio.

A parábola de *Liber LXV* (II:17-18) chama-se *Gutta Mortis ex Cælo Invisibili*, i.e. *A Gota da Morte Caída do Céu Invisível*, que prefiro traduzir romanticamente como *A Gota da Morte e o Mistério do Adorador que Morre*. A gota que cai do *céu invisível* é a centelha de *Ain Soph* tocando diretamente a alma. Sua potência é tal que aniquila o adorador, revelando a verdade de que toda devoção culmina na dissolução da identidade. Trata-se do toque da Verdade Absoluta — que não ilumina, mas queima. Essa é uma das parábolas mais crípticas e sublimes de *Liber LXV*, frequentemente associada ao *momento exato da travessia do Abismo*.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Fraternalmente,
Frater AHA-ON 777 ∴ 8°=3°
Praemonstrator do Outer College Brasil